

A Necessidade do Tratado sobre a *Acrasia* na Ética de Aristóteles

Um dos textos mais discutidos da Ética a Nicômaco é o capítulo 3 do livro VII sobre a *acrasia*. Neste texto, Aristóteles toma um caminho que surpreende os seus leitores. Aristóteles não faz uma análise da *acrasia* recorrendo, como era de se esperar, a uma falha motivacional por parte do agente em executar aquilo que a sua razão manda. Ao contrário, Aristóteles toma o caminho socrático, sugerindo que a *acrasia* deve ser entendida como uma ação que ocorre devido a uma limitação cognitiva por parte do agente. A divisão das partes da alma parece dar todo suporte necessário para a primeira explicação. Neste caso, a *acrasia* seria entendida como o resultado de um conflito entre a parte racional e a parte irracional (desiderativa) em que a segunda vence. Aristóteles, contudo, recupera o intelectualismo de Sócrates no texto onde a *acrasia* aparece como foco de investigação. O objetivo da apresentação será mostrar duas visões distintas acerca deste texto: a de Zingano segundo a qual Aristóteles dá valor ao posicionamento de Sócrates no tratado sobre a *acrasia* meramente por uma questão metodológica, a de Jessica Moss segundo a qual a própria filosofia de Aristóteles cria a necessidade da análise feita no capítulo 3 do livro VII.

Autor: Filipe Klein de Oliveira
Orientadora: Inara Zanuzzi

